



AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO

«Ao serviço da Rainha do mundo»

definindo a sua posição:

— *«Gostosamente concedo que haja quem me supere em talentos, erudição, personalidade, e em tudo o resto, mas não consentirei que alguém me vença no respeito, confiança e amor para com a Mãe de Deus».*

*(S. João Eudes, Apóstolo do Coração
Imaculado de Maria)*

«AO SERVIÇO DA RAINHA DO MUNDO»

Publicação orientadora do «Movimento dos apóstolos do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»

ANO VI -- N.º 26 -- MAIO-SETEMBRO DE 1961

Sumário

Coração Doloroso de Maria	2
A Tua Vida Divina	15
Hoje como sempre	17
Realismo de Fátima	18
A Maria pela Cruz	22
Roma e Fátima	24
História das Manifestações de Maria	30
Doloroso Coração de Maria	32
Santa Mãe de Deus	35
Graças da Rainha do Mundo	37
Modéstia Cristã	40
Direcção Espiritual	41
Nas pegadas dos Mártires	43

Publica-se ó vezes por ano, com aprovação eclesiástica. Destina-se particularmente aos membros inscritos no Movimento.

DIRECTOR

P. JOSÉ ALVES

SECRETÁRIOS

Secção feminina :

Dr.^a Carolina Augusta Perez Brandão

Rua Bocage, 59, 1.º — Lisboa

Secção masculina :

Dr. Manuel Vitorino Rodrigues Teixeira

Rua dos Ferreiros à Estrela, 44 - 1.º

Lisboa

ADMINISTRADORA

D. Maria da Conceição Rodrigues

Rua Viriato, 16, 1.º — Lisboa 1

«Tudo pela grandíssima glória do nosso Pai Celeste em Jesus Cristo Nosso Senhor, por seu Divino Espírito e em união com o Santíssimo Coração de Maria»
(V. P. Libermann)

COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA

O CORAÇÃO DOLOROSO DE MARIA

DENTRO DA SÃ DOUTRINA

DE um lado e doutro se nos pergunta que se deve pensar da invocação «Coração Doloroso e Imaculado de Maria, rogai por nós», e se convém ajuntar o epíteto de «**doloroso**» à fórmula tradicional que não menciona mais que a perfeita santidade deste Coração sem mancha. Mais ainda. Há quem tenha escrúpulo e medo de usar desta fórmula. E muitos, mesmo dentro do convento, receiam estarem diante de uma perigosa inovação, cuja iniciativa parece atribuir-se a Berta Petit.

Ora, a verdadeira questão, aqui, no caso, não é saber se esta inovação é ortodoxa, pois o magistério eclesiástico já respondeu, mas por que razões o novo adjectivo é, perfeitamente, justificado.

Sobejamente sabemos qual a attitude a manter perante as visões e revelações particulares: tudo está submetido ao único juízo da Igreja. Não negamos o facto tão comum na História da Igreja de que o Espírito Santo se comunique a almas humildes como as flores do campo e se sirva delas para suscitar um movimento, um clima novo, dentro da Igreja. Para essas almas, há a obrigação de comunicá-lo à Autoridade, ainda que com custo e muito sofrimento e, depois, sumir-se, de novo, no silêncio do deserto, na mais estranha intimidade com o seu Deus, no único cuidado, de sempre, de ser escrava da Sua Santíssima Vontade e adorá-Lo em espírito e em verdade. Para elas, esta attitude. Mas não menos importante é que também nós tomemos a nossa diante delas. Qual? Simplesmente a de fazermos silêncio sobre essas almas, não nos apoiando nelas nem nos deixando emocionar à volta delas num prurido de sensacionalismo: Deus e só Deus pela sua Igreja. Fazer silêncio, repetimos para, assim, deixar ecoar a mesma prudência da Santa Igreja, única auto-

rizada a falar, porque única Depositária da Palavra que é o próprio Verbo de Deus.

Aqui, no caso, a iniciativa de Berta Petit, com merecer-nos toda a veneração, não vale senão na hora em que é recebida, aceite e tomada em conta, como própria, por alguns Bispos e Cardeais: em particular pelo Cardeal Mercier e Bourne, seguidos de muitíssimos outros, os quais, reconhecendo a liceidade de tal devoção, consagraram as suas dioceses ao «Coração Doloroso e Imaculado de Maria». Quer dizer, que a iniciativa particular torna-se, então, iniciativa dos «Chefes, dos pastores, dos doutores; e a nós, os fiéis, cabe-nos o direito de enfileirar atrás deles. Daí que, mesmo no caso de não termos as revelações de Berta Petit, não andaríamos mal ao honrar o Coração Doloroso e Imaculado de Maria.

Podem, pois, ter a consciência tranquila e em paz os que, porventura, duvidem, seja do uso, seja da ordem usada nos epítetos. Com efeito, o magistério eclesiástico falou, não por uma decisão doutrinal, mas pela via prática dos factos. A Igreja aceita que a minha oração se dirija ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria (mesmo conservando esta ordem dos epítetos que qualificam a palavra **coração**). O Santo Ofício reconhece a legitimidade deste título. E o Papa Bento XV, ao indulgenciar esta inovação, implicitamente admite a validade da expressão. E foi Ele ainda que, em 1915, dirigiu aos Bispos todos do mundo o convite de que «invocassem Maria sob o título de Coração Doloroso. Que saibamos, é a primeira vez que tal expressão é empregada pelos Pontífices.

A propósito, apraz-nos referir, aqui, um documento recente do Santo Ofício que faz luz sobre o assunto e ajuda. Em carta dirigida ao Bispo de Fréjus e Toulon, escreve o Cardeal Pizzardo, Secretário do Santo Ofício: «É, justamente, na medida em que toda a propaganda da devoção ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria se apoiar sobre a sã teologia e evitar o recurso a qualquer revelação particular, seja ela qual fôr, que a autoridade eclesiástica poderá aprová-la.»

Conclusão prática. Se a devoção ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria pode ser grandemente estimulada pelos escritos de Berta Petit e de outras almas vítimas, como Alexandrina de

Balazar, etc., delas não é dependente, pois que esta devoção está altamente fundada na teologia e aprovada pela própria Igreja. Aliás, desde sempre, que a alma cristã se habituou a venerar com entranhado amor e consciência nítida, esse mistério profundo da «dor interior» do Coração Imaculado da Rainha dos Mártires... da Senhora da Compaixão... da Virgem das Dores... da Senhora da Piedade... da Senhora da Soledade... da Senhora da Agonia... dAquele que sempre foi representada com o coração trespassado por uma lança... dAquele que, em La Salette, apareceu a chorar... dAquele que, sobre a medalha milagrosa, nos mostra o seu Coração trespassado pelo gládio ao lado do Coração de Jesus, ferido de amor por nós... da Virgem das lágrimas de Siracusa... dAquele que, para tudo dizer numa palavra, **«estava de pé junto à Cruz».**

«Os fiéis, escreveu Pio XII, guiados e instruídos pelos Pastores, souberam pela Sagrada Escritura que a Virgem Maria, durante a Sua peregrinação na terra, **levou vida cheia de cuidados, angústias e dores**; e que, segundo a profecia do santo velho Simeão, uma agudíssima espada lhe trespassou o coração aos pés da Cruz do Seu Divino Filho e Redentor nosso.»

Se, no dizer do Cardeal Patriarca de Lisboa, a «mensagem de Fátima se pode resumir na revelação do Coração Imaculado de Maria ao mundo actual», não está fora da verdade que esse Coração se nos mostrou, sobretudo, **doloroso**. Com Fátima, o que já antes era verdade, torna-se agora mais claro, vigoroso e urgente ou, segundo a expressão do saudoso Pio XII, **«agora é mais verdade que nunca»** ...pois os «Céus também têm seu tempo e apraz a Nosso Senhor realizar as coisas em cada época, segundo o Seu estilo e à Sua maneira.»

DEUS É AMOR, MAS AMOR OFENDIDO

Mostrando o Seu Coração Imaculado, Maria não pode esconder que este Coração é vivamente doloroso. Sobre o peito da Virgem, dizem os videntes, via-se o coração cercado de espinhos que o punham de todos os lados. «Olha minha filha, dirá, mais tarde a Senhora,, olha o meu Coração cercado de espinhos que os homens a todos os momentos Me cravam com blasfémias e ingratidões. Tu, ao

menos, vê se Me consolás...». E não menos claras são as palavras ditas pelo Menino Jesus nessa memorável visão do dia de Nossa Senhora do Loreto (10-12-1925): «Tem pena do Coração de tua Santíssima Mãe que está coberto de espinhos que os homens ingratos a todos os momentos lhe cravam, sem haver quem faça um acto de reparação para os tirar!»

Espinhos que penetram no coração?! Que é isso senão um vivo e expressivo simbolismo de amor ferido e magoado? Fátima é bem a revelação do Coração Doloroso e Imaculado de Maria ao mundo actual tão necessitado de pureza e reparação compensadora.

Não há dúvida que Deus quer, nos dias de hoje, corações dolorosos que, livre e generosamente, consintam e se decidam a completar o que falta à Paixão de Cristo quando, por todos, ela é tão negada e calcada aos pés. Bem o deixa adivinhar a atitude e as palavras da Divina Corredentora na sua primeira mensagem aos videntes: «Quereis oferecer-vos a Nosso Senhor para aceitar, de boa vontade, todos os sofrimentos que Ele vos quiser enviar, **em reparação de tantos pecados**, com que a Divina Majestade é ofendida, para obter a conversão dos pecadores e em **desagravo das blasfémias e ultrajes feitos ao Imaculado Coração de Maria?**».

O céu convida, pois, de um modo espectacular, à aceitação amorosa da dor pelo resgate da humanidade transviada e para destruição do reino de Satanás que tanto influi na vida humana e em todos os seus sectores, por meio da desordem moral, e pela impiedade negadora de tudo o que é divino.

É uma época nova que se abre — a época da **Reparação amorosa** — que se abre ou que se revigoriza em formas mais sólidas e profundas da participação no mistério do sacrifício redentor. E vem a Divina Mãe Celeste a tomar a chefia deste movimento de renovação cristã e de resgate, Ela que nunca está fora do nosso viver e sempre anda connosco no penar de cada dia até ao momento em que, com Ela, usufruamos das alegrias eternas.

O P. Plus escreveu um dia: «a nossa época, tão detestável por muitos títulos, neste ponto de vista parece-nos magnificamente bela: o século XIX e mais ainda o século XX pode chamar-se a **idade da Reparação**. Surgem almas em grande número, fundam-se Institutos que não aspiram senão a uma coisa: Reparar»...

Mais autorizado ainda o testemunho de Pio XI na sua encíclica — *Miserentissimus Redemptor* —: «A palavra do Apóstolo: **onde abundou o pecado, superabundou a graça** (Rom. 5.20), pode aplicar-se, em certo modo, à nossa época. Enquanto sobe sem cessar a malícia dos homens, o sopro do Espírito Santo multiplica, maravilhosamente, o número dos fiéis de um e de outro sexo, que, **generosamente, procuram reparar** muitas injúrias feitas ao Divino Coração e não hesitam, até, em se oferecer a si mesmos como **vítimas...** Daqui nasceram muitas Congregações de homens e de mulheres que, com zelo e solicitude, se propõem desempenhar dia e noite, em certo modo, o papel do Anjo que consolava a Jesus no Jardim das Oliveiras; daí as piedosas associações aprovadas pela Santa Sé e enriquecidas de indulgências, que tomaram esse papel de reparadoras, impondo-se exercícios de piedade e virtudes em relação com esse propósito, daí, finalmente, para não falar de outras, o uso frequente de práticas com o fim de reparar a honra divina ultrajada e as reparações solenes não só de pessoas particulares, mas, também, aqui e além, de paróquias, dioceses e cidades».

Não estaria ausente do espírito de Pio XII este mesmo aspecto do Coração doloroso de Maria quando, ao consagrar o mundo ao Coração Imaculado, ele se dirige à «Rainha do Santíssimo Rosário», querendo, certamente, evocar o Seu heroísmo de Co-redentora em todos os acontecimentos que marcaram a Infância, a Paixão e mesmo a Glória de Cristo.

Fácil é de ver o que o Céu quer com este apelo urgente para que tudo se volte e consagre ao Coração Doloroso e Imaculado da Divina Co-redentora. O que se operou na alma e na vida dos três videntes, aquela transformação no sobrenatural, aquela fome e sede de Deus, aquela corrida pressurosa ao sacrifício, tantas vezes heróico, aquela inquietação de sofrer pelos pecadores, e tudo com a intenção bem acentuada de consolar o Coração Imaculado de Maria e de o desagravar, é o que tem de se operar em nós todos os que vivemos nesta hora de tanta ausência de **senso e espírito cristão**.

DOR EQUIVALENTE A TANTO AMOR

O Coração Doloroso! Ser-nos-ia fácil imaginar que Maria, com ser a Virgem Imaculada, teria escapado a esta consequência do pecado que é o sofrimento. Dotada por Deus de um privilégio

único, possuindo num grau excepcional a amizade divina, não teria Ela passado a existência numa alegria sem mistura?

Foi, precisamente, o contrário que se deu. O Coração imaculado foi destinado por Deus para ser Doloroso, como o Cordeiro Imaculado foi destinado a ser Imolado. Na predestinação divina que fazia de Maria a Imaculada, vinha também inscrita uma predestinação a terríveis sofrimentos. A dor acompanha o amor e vai na mesma proporção. E quem ousará dizer a capacidade de amor e a aplicação desse amor na humilde Virgem de Nazaré? A lei seria esta: O Coração da Mãe de Deus seria tanto mais doloroso quanto mais puro e mais cheio de caridade. Sobre Ela caía esta vontade do Pai do Céu: Ela atingiria os cimos da provação, Ela chegaria aos limites dos tormentos humanos. Ela, a filha predilecta.

Na sua mesma maternidade virginal, inteiramente independente da servidão das paixões humanas, perfeita libertação das leis da carne, teria Maria mais um título para não sofrer. Dir-se-ia que as proximidades de Deus em que o mistério da maternidade A colocava a deveriam fazer mergulhar, continuamente, no mar de gozo mesmo de Deus que sobre Ela jorraria numa alegria inebriante... Parecia que o facto de ser Mãe do Verbo a ia colocar numa esfera superior donde o sofrimento fosse excluído.

Mas não. Foi ainda, precisamente, a maternidade divina que A arrastou para um destino doloroso.

A sua missão não era tão somente dar ao mundo o Filho de Deus incarnado. Com Ele deveria Ela dar nascimento a uma nova humanidade. Era do Redentor que Ela era Mãe e, como tal, mais que ninguém, seria associada ao seu sacrifício de redenção.

Posta por Deus Pai ao lado de Seu Filho para procurar aos homens a salvação messiânica, estavam-lhe destinadas as dores do parto do mundo novo, essas dores de cuja imagem Cristo se servirá para designar a Sua Paixão: «a mulher, no momento de dar à luz, sente tristeza, porque é chegada a sua hora».

Incarnou o Verbo em vista desta hora de sofrimento; veio à Terra para se oferecer em holocausto: «foi por causa disto que Eu vim» (Jn. 12.27). Maria, por sua vez, tornou-se Mãe em vista deste momento supremo, para o penoso parto da comunidade dos que se haviam de salvar. O seu Coração maternal tinha de ser dolo-

roso. Mãe de um Deus Redentor, toda a sua vida como a de seu Filho está orientada para a Cruz e, portanto, marcada com o selo do sacrifício. Cada uma das circunstâncias do drama do Calvário, donde depende a salvação do mundo, se repercute no Coração Imaculado da Virgem Co-redentora.

AS SETE DORES DE NOSSA SENHORA

Verdade esta que a tradição nunca deixou de nos dar em todos os tempos e em todos os tons, quando ao lado de Cristo Crucificado, nos coloca sempre a Virgem Dolorosa. Testemunho vivo e irrefragável de uma doutrina sólida e de uma lição profunda: que Deus envia as mais terríveis provas àqueles que ama com mais ternura e predilecção, e que são magníficos os frutos do sofrimento oferecido pela salvação do mundo.



Vem já de longa data a veneração do povo cristão a Nossa Senhora das Dores, tendo estabelecido em Sua honra a Coroa das sete dores, ao mesmo tempo que nos apresenta o Coração da Senhora cravado de sete espadas. Referência discreta e sensível aos mistérios da vida de Jesus que mais parecem ter ferido e amargurado a alma da Divina Mãe. E o número sete aqui traz o sentido de plenitude, de totalidade, tal como dizemos serem sete os dons do Espírito Santo que são sem número e sem medida. Esta enumeração e limitação faz, por vezes, esquecer o motivo de toda essa dor e a sua duração e intensidade bem como a própria aima de Maria onde toda essa dor se passa e acumula. O mais importante é fixar sempre os olhos do coração, da Iluminação do Divino Espírito Santo, no interior da Senhora «onde está toda a Sua glória», e ver as disposições santíssimas de Seu Coração, quer quando apresenta o Menino no templo e ouve as palavras do santo velho Simeão (1.^a dor), quer quando se vê obrigada a fugir para o Egipto (2.^a dor), quer quando perde o Menino no templo (3.^a dor), quer quando se encontra com Jesus já a caminho do Calvário com a Cruz às costas (4.^a dor), quer quando O vê pregado na cruz já levantada ao alto (5.^a dor), quer ainda quando O tem depo-

sitado em seus braços, uma vez descido da cruz (6.^a dor), quer, finalmente, quando O viu metido no sepulcro (7.^a dor). Por isso, nos queremos demorar um pouco no estudo das preparações do Coração de Nossa Senhora para a dor, dentro desta verdade muito palpável que em nada podemos penetrar no Coração de Maria, tão profundamente seguros das nossa descobertas do que naquilo que diz respeito às Suas dores.

NA ESCOLA DA DOR O INFLUXO DO DIVINO CONDUTOR

Tudo tem preparação. É na criança que se devia preparar a mulher de amanhã e era preciso que esta mulher fosse, na verdade, «forte». A Providência lá estava. Cedo, terá Maria encontrado o sofrimento. Não lhe terão faltado ocasiões de pôr à prova a Sua capacidade de resistir aos choques e de perseverar na adversidade.

Lírio entre espinhos, alma toda enamorada de Deus, que em tudo procurava satisfazer ao bel-prazer divino, quanto não sofreria Ela daquele ambiente de pecado e daquela sociedade que de puro nada tinha?!

Não tendo outro desejo senão O de ver a vontade divina reinar nos outros como em si, como não sofreria Ela das ofensas que Seus olhos presenciavam?! O Seu Coração sentia, intensamente e bem ao vivo, a pena de ver o Altíssimo injuriado, desprezado e tratado com indiferença. A desenvoltura ou revolta dos homens feria, profundamente, a Sua alma santíssima e imaculada.

Especialmente unida ao Espírito Santo, feita Seu tabernáculo vivo, Ela partilhava das tristezas que lhe eram infingidas pelos pecadores (Ephes. 4.30). O espectáculo do pecado fazia-A, portanto, sofrer.

Outra preparação para a dor, era o já esperado isolamento em que a Sua vida inocente e pura A colocava. Sendo uma rapariguinha do povo como as outras, simples, comunicativa, sem singularidades e sem qualquer sombra de altivez, sempre compreensiva e condescendente, não encontrava ninguém com quem pudesse estar em profunda comunhão de pensamento, ninguém que A soubesse acompanhar nas Suas elevações de coração, ninguém, que lhe pudesse servir de eco a Seus desabafos de «louvor da graça e da bondade do Senhor». Este sofrimento do isolamento. A prepa-

rará, aliás, para reservar só para Deus a abertura de Seu coração.

E não Lhe devem ter faltado muitas outras penas, provenientes da incompreensão à volta de si da sua mesma elevação e qualidades.

Ninguém duvida que Maria era uma rapariga de qualidades finas e raras. Ora, por parte de seus contemporâneos, certamente, lhe terá acontecido o que mais tarde a Jesus sucederá em Nazaré, que O quiseram atirar a um precipício, tal o desprezo que sentiam por Ele, devido à Sua elevação e superioridade. É que «o homem não aceita, facilmente, a superioridade de outrem, sobretudo se se trata de um vizinho, de um parente, de um ser que, no seu juízo, não deveria passar de coisa vulgar».

É certo que, desde os alvares da Sua juventude, a conduta irrepreensível de Maria foi mal vista e julgada por companheiras ou outras pessoas, o que só Lhe merecia atitudes de hostilidade. Algumas pessoas não Lhe perdoariam de ser assim impoluta e irrepreensível, e sentir-se-iam humilhadas diante da perfeição dela. Talvez mesmo A tenham perseguido com ódio tenaz, decididas a fazer-Lhe expiar a Sua pureza que era acima de toda a suspeita, tentando lançar perfidamente suspeitas sobre Ela... Não é temerário pensar que a Virgem tenha experimentado o que Jesus experimentará, tão fortemente, durante a Sua vida pública: uma oposição secretamente dirigida por Satanás contra uma santidade na qual ele — pobre miserável do inferno — não chegava nem a tocar nem a abrir brecha.

Alma de mulher e de santa, de uma sensibilidade incomparável, Maria ressentia, profundamente, a dor de se ver, por vezes, injustamente acusada ou repudiada com desprezo. Naquela Sua alma tão perfeita, havia, sim, desolação, tristeza, angústia, mas não cólera nem susceptibilidade ferida. O sofrimento de Maria foi sempre absolutamente puro, isento de qualquer ponta de egoísmo. Era o sofrimento do amor.

Sofrendo de assim se ver atacada ou suspeitada por pessoas que A rodeavam, Maria nem por isso deixava de as amar. Em Seu Coração jamais entrou o rancor ou o ressentimento. Ao lado de uma faculdade de fina emoção, Maria possuía um domínio de si mesma que Lhe permitia ser senhora de todas as suas reacções de alma. De juízo são e recto, Ela sabia apreciar os vários incidentes

da vida sem nunca se deixar obcecar por eles. Apesar da sua delicada sensibilidade, Maria mantinha-se num robusto equilíbrio, e ignorava a melancolia.

Pensando no bem dos outros, dava-se por feliz de poder sofrer por eles, neste contínuo oferecer-se, achava Ela uma alegria firme e inalterável. O sofrimento contribuiria para o perfeito desabrochar de sua alma.

E de tudo isto só Deus era sabedor. Desde nova, a habituara o Divino Espírito a sofrer só, sem descarregar sobre os outros o Seu pesado fardo. No Calvário terá de suportar sòzinha o Seu sofrimento maternal. Eis um pouco do que deveria ter sido o Coração doloroso da nossa rica Mãe Celeste!

DIVINA AURORA DA ALMA CRUCIFICADA DE CRISTO

Mas donde lhe vinha tal compreensão das coisas? Da Sua plenitude de graça. Para que Maria assim tenha chegado a uma atitude perfeita diante da dor foi preciso que uma iluminação nova lhe fosse feita pelo Divino Espírito Santo. As disposições próprias da **alma cristã** diante da dor, não lhas poderia ter ditado o Antigo Testamento por não possuir ainda a noção, que só com Cristo será dada, dum caridade levada ao extremo.

Seria interessante estudarmos a atitude dos justos do Antigo Testamento nas suas provações. Sempre que se voltavam para o Céu gritavam socorro e esperavam de Yahwé a libertação. Isso não impedia que fossem muitas as imperfeições na maneira de encarar a dor, que para eles era um mal de que era preciso fugir a toda a força. Em Maria não devia ser assim. Convencida dos benefícios e da fecundidade do sofrimento, olhava as provas diversas não como sinal de descontentamento divino, mas como dom do amor paternal de Deus.

Nos salmos, o justo aparece muitas vezes numa situação muito miserável, envolto em perseguições, despojado de seus bens e ameaçado em sua vida. Ao reclamar o auxílio divino para sair de seu estado aflitivo, acusa os inimigos e pede para eles terrível castigo. O dia da libertação encara-o ele como um dia de vingança, e a alegria que, então, espera usufruir terá por contrapartida a pena e o esmagamento de seus adversários. Compraz-se

mesmo, por vezes, em contemplar, de antemão, o espectáculo da ruína deles, com o desejo fremente de um ressentimento que tem sabor a cruel satisfação. Digamos de passagem que este é, também, por vezes, o pensar de muitos cristãos...

Esta mentalidade que Maria tinha aprendido a conhecer, enquadrada nos sentimentos sublimes do salmista, era-lhe completamente estranha. O Espírito Santo desviou-A destas disposições vingadoras como duma concessão lamentável às paixões humanas em almas que não tinham ainda penetrado na imensidade do amor divino, tal como Cristo no-lo ensinaria. Aos ataques ou críticas da malquerença, replica Maria por um amor mais vigoroso e mais obstinado. Sob a acção do sofrimento, não queria Ela voltar-se contra o próximo: a Sua alma magnânima não teria suportado dobrar-se sobre si mesma ou fincar-se numa obsessão das ofensas recebidas; antes, se abria numa simpatia mais e mais generosa.

E, com ser assim, não ganhava a Virgem aquele complexo de superioridade que é frequente nas pessoas que sofreram ou foram perseguidas. Seria procurar a vingança da dor no amor próprio recalçado.

Oh! como como é belo e admirável o Coração da nossa Mãe, sobretudo neste aspecto da dor!... Tão divino! Tão humano! Tão próximo do nosso!

Mas falta ainda uma última faceta. Maria nunca se teria prevalido da sua inocência para escapar ao sofrimento, como, por vezes o havia feito o salmista; Ela não comparava a sua sorte, mais carregada de provações, à das pessoas de má conduta, aparentemente saciadas das alegrias da vida, e nunca se teria dado por injustamente tratada por Deus. De igual modo, depois da prova, não reivindicava um lugar de maior estima e não se atribuía novos direitos a ser bem tratada. Evitando, cuidadosamente, atrair a atenção, não queria nem que A admirassem nem que A lastimassem. O seu ideal era apagar-se na dor como no resto.

TAMBÉM DA VIRGEM SE PODE DIZER QUE TODA ELA FOI CRUZ E MARTÍRIO

Longos anos assim se passaram, em que Maria suportou, silenciosa e alegremente, as provações que a Providência lhe enviava. Pela vez primeira, havia Deus obtido de uma criatura uma atitude

de plena caridade no sofrimento. Maria acolhia as dores como dom divino e como oferenda a apresentar ao Senhor pela salvação dos homens. Nisso via Ela primeiro uma manifestação do amor divino, em seguida uma ocasião de mostrar a Deus o seu próprio amor e de fazer aproveitar esse amor a seus semelhantes. Em Seu Coração, caridade e sofrimento uniam-se. O amor valia-lhe sofrimentos e os sofrimentos aumentavam-lhe o fervor de seu amor.

Para a Virgem, a subida para o Calvário não tinha começado com a viagem a Jerusalém, a quando da Páscoa; tinha tido princípio desde os seus primeiros passos de menina. Toda a existência de Maria foi tecida de sacrifícios em proporção com a idade e as forças da criança, da donzela e, depois, da mãe. Por isso — sirva-nos de consolação e grande estímulo — a sua existência foi parecida com qualquer outra existência humana visto que, por toda a parte, a dor começa muito cedo, e as mais pequeninas provações quotidianas podem dar-se como muito penosas de levar. Mas para a Coração de Maria, apesar da intensidade viva dos sofrimentos, devida à fina delicadeza de sua sensibilidade e de sua alma, o ardor em as oferecer no amor e na alegria era mais entusiasta e mais fiel.

Jesus continua, místicamente, no tempo e no espaço, a obra da Redenção. Oferece ainda ao Pai os sentimentos perfeitos que já salvaram o mundo. Renova, incessantemente, o sacrifício reparador.

Em face do terrível e pavoroso mistério do mal que dura sempre, permanece sobre os nossos altares, no mundo, a reparação infinita do Calvário que jamais se interrompeu; permanece, também, a mesma Vítima divina que continua a imolar-se e a oferecer-se.

Ora Maria, «pela admirável união que teve com Jesus, e por uma graça inteiramente singular, tornou-se ela, também, a redentora imaculada da humanidade inteira» (Pio XI). Pelos seus sofrimentos, pela sua dor e pelo seu amor, ela completou o plano divino da Redenção e continua, ainda, misteriosamente, com Jesus e como Jesus, a obra redentora de comunicação, de conservação, de crescimento, de desenvolvimento da graça nas almas; quer dizer que ela continua, maternalmente, a gerar-nos à vida sobrenatural. Por isso a Igreja viu sempre, em Maria, a Mãe dolorosa

dos homens que, «como verdadeira Rainha dos mártires, completou o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo seu Corpo Místico que é a Igreja». (Pio XII).

Ela teve pelo Corpo Místico de Cristo a mesma solicitude maternal, o mesmo amor pressuroso com que tratou e nutriu a Jesus.

E agora do alto do Céu, Ela cumpre sua verdadeira missão de Mãe para com a Igreja inteira; une-se ao sacrifício do Corpo Místico de Cristo e oferece ao Pai os sofrimentos e a paixão da Igreja para a redenção da humanidade (Pio XII).

DORES FECUNDAS E VALIOSAS

Honremos, então, doravante, com particular carinho o Coração Doloroso da nossa Mãe e Rainha. E sejamos práticos, entrando nós próprios, também, no mistério da dor pela compunção, pelo arrependimento, pela nossa própria conversão inteira, partindo da contemplação do modelo acabado que é a Imaculada, do sentimento da distância que dela nos separa e das dores que lhe causam as nossas fraquezas: Coração Doloroso e Imaculado de Maria, rogai por nós que recorremos a Vós.

O. T.

— *«Sim, à Jacinta e ao Francisco levo-os em breve para o Céu. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração.»*

— *Fico cá sòzinha? perguntei com pena.*

— *Não, filha. E tu sofres muito por isso? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.»*

(2.^a aparição, 13 de Junho)



VIVER O ROSÁRIO

Os mistérios do Rosário não são simples factos históricos passados. Cada Mistério tem um alcance místico sempre actual. Cristo quer viver em nós os seus Mistérios, comunicando-nos deles os frutos e as graças que nos conquistou. Meditá-los, frequentemente, dá à alma uma ATITUDE de conformidade, que pode tornar-se habitual: «Já não sou eu quem vive, é Cristo que vive em mim.» (S. Paulo).

Primeiro Mistério Doloroso: A Agonia de Jesus no Jardim das Oliveiras. Durante três horas, Jesus agoniza, numa agonia terrível, atroz — corpo, coração, alma — pois sente, diante de seu Pai, que é Ele o grande responsável por todos os pecados do mundo.

É o medo, a angústia, o temor, o horror do pecado e de suas consequências: a Paixão, a morte na Cruz. **«Pai, se é possível, que este cálice se aparte, no entanto que se faça a vossa vontade e não a minha.»**

É o suor de sangue. O Sangue de Cristo corre por terra sob a violência da tristeza causada pelo caudal do pecado universal, que ele tomou sobre Si. O pecado oposição da vontade da criatura à sabedoria do Criador; o pecado: recusa a submissão, recusa de amor, prazer culpável que o Redentor expia por tão duro preço.

E nós vamos achar natural que o Salvador pague toda a dívida? Os nossos corações egoístas têm de compreender que nos é

devido participar também na expiação por nós e pelos outros. Há pecados colectivos que atraem castigos colectivos, se não houver almas reparadoras que queiram unir os seus esforços voluntários de penitência, de compunção, à agonia redentora do Mestre.

Cristo quer viver em nós a Sua agonia reparadora. No dizer de Pascal: **Cristo está em agonia até ao fim dos tempos.** Continua ela nos milhares de mártires que sofrem e morrem pela fé. Revive ela em cada agonizante que une as suas dores, o seu terror, o seu temor, ao do Salvador. Mas o segredo da força em qualquer espécie de angústia e, sobretudo, na agonia de uma vida que vai acabar, é a fé, a confiança nos méritos do Redentor agonizante, em Getsemani, antes de agonizar sobre a Cruz.

Jesus pagou por nós: mas torna-se necessário aceitar a nossa parte de sofrimento e uni-lo ao dEle. É preciso entregar-se a Ele, banhar-se em Seu Preciosíssimo Sangue pelo Sacramento de Penitência, grande invenção do seu amor doloroso.

A Santíssima Virgem não estava, corporalmente, presente na Agonia em Getsemani. Mas a sua alma estava unida à de seu Filho; o seu Coração maternal partilhou de todas as dores e angústias que Jesus experimentou diante dos pecados do mundo.

Peçamos ao Coração doloroso de Maria que nos ensine a Sua Compaixão pelo Coração agonizante de Jesus e que nos faça aprender o culto do Preciosíssimo Sangue (segundo o desejo do nosso Santo Padre, o Papa João XXIII). Saibamos fazer dele oferecimento ao Céu para obter «Misericórdia».

Sangue de Cristo, que correstes por terra, durante a agonia,

SALVAI-NOS...

«Oferecei constantemente ao Altíssimo, orações e sacrificios... De tudo que puderdes, oferecei um sacrificio, em acto de reparação, pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica, pela conversão dos pecadores. Atraí assim, sobre a vossa pátria, a paz».

(Anjo de Portugal aos Pastorinhos)

HOJE COMO SEMPRE

O P. Rogério Derry, coadjutor da paróquia de S. Francisco Xavier, em Paris, foi decapitado em Colónia, em 1943. Havia meditado muitas vezes na Agonia de Cristo, por isso soube morrer bem. Aqui, a carta por ele escrita ao pároco, momentos depois de saber da sua condenação à morte e que ele confiara ao capelão da prisão militar de Dusseldorf.

Queridíssimo Pároco:

«Mais uns dias ou, quem sabe, mais algumas horas e chegará a hora da minha morte. Deus é Bom e dá-me aquela grande paz e alegria de espírito de que fala a Imitação de Cristo.

Não há nada para a pobre natureza — o corpo, alquebrado; o coração, esmagado; só a alma está nas alturas. Não cesso de dar graças a Deus que, na sua imensa bondade me comunicou tanto fervor. Teria podido morrer, se não no pecado, pelo menos numa tibieza a que a força das circunstâncias, normalmente, me arrastaria. Ora, a palha do calabouço, o jejum rigorosíssimo, as humilhações e as misérias de toda a espécie, a solidão, tudo o que Deus na Sua Providência permitiu para meu bem, junto à oração e à meditação contínua, conduziram-me a umas alturas onde tudo é belo e bom.

A minha vida, de há dois anos para cá, não foi mais que uma missa contínua e será daqui a pouco, depois da imolação do Calvário, a Comunhão mais íntima e a acção de graças eterna. Como Deus é Bom!

Ofereço a minha vida por todas as grandes causas que eu desejaria servir,

por Deus, pela Igreja, pela minha Pátria, pela minha querida paróquia.

Seja a minha morte a missa mais bem celebrada de toda a minha vida, a mais generosa e alegremente oferecida. Mais um pouco e irei ver Aquele que, apesar de tudo, tanto amei. Vou, enfim, amá-lo como queria havê-lo amado em toda a minha vida e espero, lá de cima, fazer maior bem do que fiz, até agora, cá em baixo.

O breviário que quase sempre tive a dita de rezar foi a minha grande consolação, o meu sustento quotidiano, com a Imitação de Cristo. Nunca os salmos me souberam tão bem! Peço perdão a todos quantos eu haja podido contristar.

Quanto desejo morrer bem! Peço-o sem cessar ao nosso Deus Misericordioso. Oh! Se lhe aprouver dar-me a Sua graças a aceitar a minha pobre vida... Que missa! Se Ele continuar a ajudar-me, morrerei a cantar. Adeus. Até à vista, lá no Céu...».

2 de Setembro de 1943.

E Deus ouviu a oração humilde e quente do jovem sacerdote que morre mesmo a cantar. Quando, no dia 15 de Outubro de 1943, o capelão da prisão de Colónia lhe anuncia que vai ser decapitado, o P. Rogério Derry profere só estas palavras: «É hora de cantar o «Te-Deum». E, os dois, puseram-se a caminho do lugar da execução, alternando o hino de acção de graças. Uma vez ali, põe-se o P. Rogério de joelhos para receber o golpe mortal. A sua última palavra dita em voz alta foi esta: «Introibo ad altarei Dei.» A última na terra, e a primeira da sua «Missa eterna».

O realismo da Mensagem de Fátima

II — Veemente apelo à Oração (Continuação)

Segundo S. Agostinho, é esta a conclusão: «Na verdade, aprendeu bem a viver quem aprendeu bem a rezar».

«A Lei manda: Não faças isto e aquilo; faz isto e aquilo. Foi-te indicado, foi-te mandado... Compreendeste o que deves fazer: agora reza, a fim de que o ponhas em prática»

«Também para os teólogos — escreve o P. Brambilla — como já para S. Agostinho, idêntica é a razão última da necessidade da oração: a vontade de Deus que, ordinariamente, não concederá as graças necessárias à salvação eterna, senão através da oração. Idêntico é o caminho que seguem para chegar a tal conclusão: os testemunhos explícitos e numerosíssimos da Sagrada Escritura, que nos impõem rezar, aos quais eles acrescentam a autoridade dos Padres, (e entre estes ocupa o primeiro lugar S. Agostinho), que interpretam os textos escriturísticos, no sentido de se tratar de necessidade de meios».

B — SANTA AFONSO DE LIGÓRIO — doutor da Igreja e proclamado por Pio XI, num dos seus discursos, «Grande Doutor da Oração e por Pio XII «Padroeiro celeste dos Confessores» — trata sempre e muita vez, com grande difusão, este argumento, em todas as suas obras teológicas e ascéticas, mas de propósito, e de modo ordenado e exaustivo no opúsculo. «Do grande meio da oração».

Quanto estudo e aplicação tenha custado este trabalho ao Santo Doutor, sabemos-lo dele mesmo, que, no prefácio doutro livro escreve a respeito do primeiro: «Embora seja breve e, por isso, de pouco custo, custou-me muito trabalho».

A estima que lhe consagrava deduz-se de quanto se segue: «Eu acho-o de suma utilidade para todo o género de pessoas... Entre todos os tratados espirituais, o mais útil e necessário...». Na introdução ao livro «Do grande meio da oração», depois de ter dito: «Acredito não ter feito trabalho mais útil que este livro», acrescenta: «Eu não tenho possibilidade, mas, se pudesse, quereria fazer muitos exemplares deste livro, tantos quanto são os fiéis que vivem na terra, e dar de presente um a cada um, para que compreendam todos, a necessidade da oração, para se salvarem».

Esforçar-nos-emos por reproduzir a doutrina do santo e, na medida do possível, com as suas próprias palavras.

O santo, na introdução ao áureo livro, lamenta-se: «Vejo, por uma parte, esta absoluta necessidade da oração aliás tão inculcada por toda a Sagrada Escritura e por todos os Santos Padres, mas doutra parte, reconheço que pouca atenção dão os cristãos à prática deste grande meio da sua salvação». (A experiência dolorosa de muitos párocos prova, infelizmente, que muitos homens e rapazes, de facto, não rezam. Quantos rapazes que se apresentam para o casamento, não se lembram de nenhuma fórmula de oração, nem sequer do Pai-Nosso e Ave-Maria. Em certo sentido, pode-se afirmar que, praticamente, para os fiéis, saberem, ao menos, as fórmulas mais elementares da oração, é tão necessário para a própria salvação, como para os sacerdotes saber a fórmula dos sacramentos para salvarem as almas dos outros. «E o que mais me aflige é ver que os pregadores e confessores pouco se preocupam em falar deste assunto aos seus ouvintes e penitentes; e vejo que, também, os livros espirituais, que hoje em dia andam nas mãos dos fiéis não falam dela suficientemente. Quase todos os pregadores e confessores e todos os livros não deveriam ensinar coisa alguma, com maior insistência e calor, que a oração. Inculcam tantos meios bons às almas, para se conservarem na graça de Deus, a fuga das ocasiões, a frequência dos sacramentos, a luta contra as tentações, ouvir a palavra divina, meditar as máximas eternas, e outros meios, todos (não se nega) utilíssimos. Mas, para que servem, digo eu, os sermões, as meditações e todos os outros meios, que dão mestres espirituais, sem oração, quando Nosso Senhor declarou que não quer conceder as graças, senão a quem reza? Pedi e recebereis. Sem a oração (falando segundo a Providência ordinária) ficarão inúteis todas as meditações, todos os nossos propósitos e todas as nossas promessas». (A força de subir a um monte não nos é dada pelo desejo de chegar ao cimo, mas pelo pão que se come. Assim, a força moral necessária para fazer o bem e evitar o mal, vem-nos da graça, não dos propósitos. E obtém-se a graça, principalmente, com a oração. Devem ter também presente este princípio aqueles que se consagram a Deus com os santos votos. Podemos comparar o que faz um voto àquele que assina uma letra. Com a assinatura, obriga-se a pagá-la; mas o dinheiro para satisfazer a dívida, não o recebe da assinatura, mas do trabalho que faz, do comércio que pratica. Assim, com o voto, assumimos uma obrigação para com Deus; mas a força, a graça de sermos

fiéis, não nos vem do voto, mas do oração perseverante. Quem, depois de ter firmado letras, não trabalha, não pode resgatá-las e fracassa; quem depois de ter feito os votos, não reza, não pode manter-se fiel e tornar-se sacrílego). «Se não rezarmos, seremos sempre infiéis a todas as luzes recebidas do alto, e a todas as promessas feitas. Eis o motivo: para fazer actualmente o bem, vencer as tentações, praticar a virtude, em suma, observar os divinos preceitos, não bastam as luzes que recebemos, mas é preciso, além disso, o auxílio actual de Deus. E Nosso Senhor só concede este auxílio actual a quem reza, e reza com perseverança. As luzes recebidas, as considerações e os propósitos feitos servem para que rezemos no meio dos perigos e tentações de transgredir a lei divina. Com a oração obtemos o auxílio divino, que depois nos preserva do pecado. Mas, se não rezamos, estamos perdidos» (Por pouco que se reflita nas palavras do santo Doutor e missionário, logo se dá conta que comete grave erro quem abrevia e, ainda pior, omite as orações antes e depois da catequese e pregações, ainda que o fizesse, com o fim de prolongar a instrução.

Mais fatal é ainda o hábito que têm muitos homens e rapazes de entrar na igreja, quando começam às pregações, por ocasião dos tríduos e missões, e de sair logo após o sermão, sem tomarem parte nas orações e, sobretudo, sem assistirem à Missa e às outras funções religiosas que se fazem no princípio e no fim da pregação. Mas, se não se reza, não há a graça; e, se falta a graça, de que aproveitam as práticas e a catequese?

As próprias reuniões das nosas associações ou organizações não seriam vantajosas, mas até prejudiciais para aqueles que tomassem pretexto para omitirem o terço e as orações da noite, próprias de todas as famílias cristãs. Santo Afonso escreve a propósito: «De que nos aproveita conhecer o que estamos obrigados a fazer, se depois o não pomos em prática? Só nos serviria para nos tornar mais responsáveis e culpados diante de Deus. Por mais que leiamos e meditemos, não cumprimos os nossos deveres, se não pedirmos a Deus ajuda para os pormos em prática» — do Grande Meio de oração, cap. 2).

E, na «Prática de amar a Jesus Cristo» escreve: «Parecerei, talvez, enfadonho às pessoas que lerem as minhas obras espirituais, por recomendar tantas vezes a importância e a necessidade de recorrer a Deus, continuamente, pela prece. Mas parece-me haver dito não demais, senão muito pouco». E depois, de preciosíssimas observações que merecem, não só ser lidas, mas meditadas, continua: «Eu desejaria

que todos os pregadores nada recomendassem tanto a seus ouvintes, como a oração; que os confessores a nenhuma coisa exortassem tanto e com maior calor aos seus penitentes, como à oração; que os escritores espirituais de nada falassem mais extensamente do que da oração. Os sermões, as meditações, as comunhões as mortificações são de conhecida utilidade para a vida espiritual. Mas, se nas tentações, deixamos de recomendar-nos a Deus, sucumbiremos, apesar de todos os sermões, de todas as meditações, de todas as comunhões, de todas as penitências e de todos os bons propósitos, que tivermos feito».

E já tinha dito, «Numa palavra, devemos persuadir-nos de que todo o nosso bem depende da oração; da oração depende a mudança de vida; da oração depende a vitória nas tentações; pela oração obtemos a graça do amor divino, da perfeição, da perseverança e da salvação eterna».

(Continua)

MÁRIO CORTI

AGRADECIMENTO

Na impossibilidade de o fazer pessoalmente e para que não fique por cumprir tão agradável dever, quero manifestar por esta forma a minha viva e sentida gratidão a todos quantos, por ocasião das minhas bodas de prata sacerdotais — que o Senhor da Misericórdia pelo Coração Imaculado de Maria me deu a dita de celebrar jubilosamente — me quiseram acompanhar com o afecto quente da sua caridade e o fervor da sua oração e ainda com a fina generosidade traduzida na oferta dos preciosos ornamentos sacerdotais que tanto gosto me deram.

Tudo entrego ao Coração da Mãe Admirável para que a mim como a todos nos queime o fogo divino do Seu Amor, de modo a «vivermos mais e mais segundo o Coração de Deus».

Madrid, 15 de Agosto de 1961.

P. OLAVO TEIXEIRA MARTINS, C. S. Sp.

“A Maria pela Cruz e à Cruz por Maria”

(DIVISA DOS TRAPISTAS)

A ORAÇÃO DO PADRE

«Meu Senhor Jesus Cristo.

Eis aqui, a Teus pés, o Teu sacerdote.

Escolheste-o, para Te prolongar e assemelhar-se a Ti. Disseste-lhe que deixasse tudo, tomasse a Tua cruz e Te seguisse. Lançaste-o na solidão da sua separação do mundo e mantiveste-o em pleno mundo para estar em contradição com o mundo.

Vem em seu socorro, Senhor! Ele não pode mais. Ele tem medo. Ele chama-Te.

Tu o tomaste; já não pode pertencer-se; não tem outro caminho senão o de continuar a dar-se até ao fim. Não foi pelo seu traje escuro que ele se Te entregou, foi por todo o seu ser. Traga ele a batina, ou o casaco comprido, ou qualquer outro fato, isto não faz ao caso; ele está sempre vestido da Tua cruz, na sua carne e no seu espírito. Traz a Tua efígie na sua alma.

Se ele tivesse feito ideia das Tuas exigências, talvez não tivesse tido a coragem de dar o passo decisivo que o obrigava a não ser já senão o Teu servo, mas a Tua graça impelia-o com força ao desconhecido terrível de se assemelhar a Ti. Aderia para além do que podia entrever, aderiu à profundidades da Tua vida, que a teologia mal o tinha ajudado a perceber. Tu o reduziste pela Tua doçura, pelas Tuas lições, pela Tua Igreja. Foi pouco a pouco que lhe revelaste a Tua loucura de amor e o tormento da misericórdia. Ele julgava ir trabalhar na vinha, à luz esplendorosa do sol, cantando lindas canções de homem, com os outros trabalhadores; julgava ir à alegria e Tu o levaste ao Jardim das Oliveiras.

À medida que avançava no Mundo, ele chocava-se mais rudemente com as durezas do Mundo. À medida que amava mais os seus irmãos, os homens, sofria mais de os achar tão longe de Ti. À medida que compreendia melhor o Teu mistério, a sua palavra, para o anunciar, vinha perder-se na pesada trama dos egoísmos e dos ódios. Era bem preciso que também ele assumisse a responsabilidade dos pecados dos homens.

Tu dilatavas o seu coração até ao infinito da miséria humana, a ponto de o fazer estalar; ao mesmo tempo que Tu o fazias tocar com o dedo a sua própria miséria, a sua fragilidade de pecador, a sua impotência de não amar nunca bastante.

Senhor, o Teu servo está diante de Ti. Arrasta-se, ainda, vestido de si mesmo, ainda impuro, todo fraqueza. Por mais que faça, permanece a contradição à Tua mensagem, enquanto Tu o não tiveres crucificado inteiramente, enquanto ele tentar ainda escapar-se...

Ó Jesus, meu Senhor o meu Deus, o Teu servo está diante de Ti, rendido à fadiga e acabrunhado de tristeza. Dá-lhe Tu a força e a alegria, dá-lhe a indefectível esperança, dá-lhe conhecer-Te sempre melhor, dá-lhe a pureza e a intensidade do amor, a abnegação sem retorno, e a coragem do sacrifício sem fim».

P.^o LEBRET

«Nesta hora em que vamos consagrar a nossa Diocese ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria deve cada um entrar no espírito desta consagração e oferecer-se a Maria como criança nos braços de sua mãe, e como servo nas mãos de sua senhora.

É a Imaculada Conceição um privilégio concedido em previsão doutro: a Maternidade Divina. Este privilégio explica, igualmente, a maternidade de graça de Maria.

Consagrar-se ao Seu Coração Imaculado é entrar no reino da graça, é expor-se aos raios benéficos deste Sol que contém todo o calor da caridade divina; mas é também aceitar (graças ao Seu auxílio) viver segundo as exigências da nossa fé numa fidelidade inalterável e numa dedicação sem limites.

A nossa consagração ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria há-de ser uma EXPIAÇÃO e uma RESOLUÇÃO para obtermos a lealdade e a pureza de vida e virmos a ser para o Coração desta Boa Mãe, motivo de Consolação.

(Palavras de S. Eminência o Cardeal Léger, Arcebispo de Montréal).

«Olhei para o meu Salvador Crucificado:

Considerarei-O com amor.

Apertei-O contra o coração.

E vi que

a Humildade era Ele,
a Obediência era Ele,
a Mortificação era Ele,

o Sofrimento era Ele,
que tudo quanto repugna à minha natureza era Ele.

Então se operou em mim uma grande transformação e tudo me pareceu Divino.»

ROMA E FÁTIMA

— *Alocução do CARDEAL LUÍS TRAGLIA*

A peregrinação de 13 de Maio a Fátima foi presidida este ano por Sua Eminência o Cardeal Luís Traglia que no solene Pontifical proferiu a seguinte alocução:

Dignare me laudare Te!

Virgem Santíssima de Fátima, dai-me a graça de exprimir com as minhas pobres palavras os sentimentos de gratidão, de admiração e de esperança confiante que neste momento tão solene e tão santo me vão na alma.

Profundo reconhecimento por me encontrar aqui no meio de uma multidão que com sincero affecto filial Vos invoca, ó branca rainha de Fátima. Poderosíssima Senhora do Rosário.

Como eu desejava vir a Fátima! De há muito que sonhava com isso: desde as primeiras notícias das aparições, naquele remoto ano de 1917, ano da minha ordenação sacerdotal.

Presidente da comissão para o Ano Santo, pude reconhecer de perto e como que julgar o prodigioso poder da Virgem Santíssima a favor de Quem a venera com affecto filial.

ROMA TEM AMOR A NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

Venho de Roma — capital do catolicismo e também da devoção mariana atestada por um culto antigo, mas sempre vivo e fervoroso.

E Roma, como o Sr. Bispo de Leiria ontem recordou, tem um amor especial a Nossa Senhora de Fátima.

Não foi em 1959 que, com os olhos rasos de lágrimas, assistimos ao triunfo de Nossa Senhora de Fátima, recebida pelo povo num delírio de entusiasmo ao descer ao estádio de Roma, representada na sua prodigiosa imagem?

E o triunfo durou muitos dias, num crescendo de Fé, de maravilhas e de santificação.

E Roma guarda com amor e mostra, abertamente, a devoção a Nossa Senhora de Fátima. A Igreja do Imaculado Coração de Maria atesta, com a sua imponente arquitectura, que os Romanos receberam como filhos o convite da Virgem Santíssima para estabelecer no Mundo a devoção ao seu Imaculado Coração.

Na Basílica de Santo Eugénio, o altar de Nossa Senhora de Fátima, na sua brilhante linguagem de obra de arte, recorda a todos a presença da Virgem que desceu até junto dos seus filhos para ouvir de mais perto as suas preces e para lhes trazer as bênçãos do seu Coração Imaculado e a misericórdia Divina (Pio XII-5 de Julho de 1951). «Não quero deixar no esquecimento a pequenina igreja de Fátima edificada pelas Religiosas Franciscanas Portuguesas no termo da paróquia de Nossa Senhora de Lurdes. Lurdes e Fátima unidas no mesmo afecto dos Romanos.

A ROMA DOS PAPAS

Um outro aspecto extraordinário ligado a Fátima é a exaltação do Padre Santo e o relevo dado aos laços que unem entre si o Papa e Fátima.

Antes de morrer, a Jacinta afirmou: «No Céu pedirei muito pelo Santo Padre...».

A 5 de Maio de 1917, o Santo Padre Bento XV exortava os fiéis do Mundo inteiro a uma cruzada de orações e convidava, especialmente, as crianças a recorrer a Maria para obterem a Paz. Para isso determinava que nas Ladainhas se acrescentasse a invocação: «Rainha da Paz rogai por nós».

Num momento de tristeza, o Sumo Pontífice exclamava, num tom de paternal angústia: «os homens já não ouvem. Não voltaremos a falar aos homens: falaremos a Deus e Deus ouvir-nos-á».

E Deus ouviu a voz do Seu Vigário na Terra. Foi Nossa Senhora que, a 13 de Maio de 1917, veio até aqui a trazer-nos a resposta. Parece providencial que, naquele mesmo dia, se tivesse realizado a Sagração episcopal do Papa Pio XII.

A 13 de Novembro de 1929, Sua Santidade benzia uma lindíssima imagem de Nossa Senhora de Fátima, para a nova Capela do Colégio Português de que é titular.

Na igreja de Santo António dos Portugueses venera-se, também, uma do mesmo modelo.

Em 1942, em plena guerra, o Santo Padre Consagrava o Mundo ao Coração Imaculado de Maria. Em 1946 enviava Sua Ex.^{ma} O Senhor Cardeal Aloísio Mazella como seu Legado para coroar a veneranda Imagem de Nossa Senhora.

O Ano Santo de 1950-1951, por determinação do Augusto Pontífice, encerrou-se, aqui, no meio de uma grandiosa manifestação.

Em 1952, o Papa realizava a Consagração da Rússia ao Seu Imaculado Coração.

João XXIII, então Cardeal Patriarca de Veneza, esteve aqui a 13 de Maio de 1956 por ocasião do 25.º aniversário da consagração de Portugal ao Coração Imaculado de Maria. Na altura da sua elevação ao sólio Pontifício os jornais da Capital portuguesa não deixaram de pôr em relevo que ao Papa da Fátima sucedesse um Papa que falara na Fátima.

PORTUGAL E A DEVOÇÃO À PADROEIRA

A devoção de Portugal á Virgem Santíssima mainfesta-se desde os gloriosos primórdios da Nação com a doação e fundações reais, com os tradicionais círios e romarias aos mais célebres Santuários, com o carácter nacional das súplicas colectivas por ocasião das púbilcas calamidades ou de agradecimentos por benefícios recebidos, com as mais importantes devoções espontâneamente praticadas pelo povo.

Aqui se invoca Nossa Senhora sob os títulos de Nossa Senhora da Nazaré, da Atalaia, da Arrábida, dos Remédios, das Angústias, dos Aflitos, dos Navegantes. Tomaram Nossa Senhora por madrinha de baptismos.

O Rei e as Cortes proclamam Nossa Senhora da Conceição como «Padroeira» de Portugal.

Os teólogos portugueses comprometem-se a defender com o seu sangue o dogma da Imaculada Conceição. Cunhou-se uma

medalha de ouro com a efígie da Imaculada e a legenda «Titularis regni».

Nossa Senhora correspondeu ao afecto dos Portugueses e embora eles estivessem certos da sua protecção a virgem dá-lhes uma nova prova a 13 de Maio de 1917. Teve início nessa época o milagre de Fátima, isto é, um conjunto de maravilhas e de benefícios que a Virgem Santa espargiu sobre Portugal.

Milagre de que fazem eco os Bispos Portugueses nas suas pastorais quando falam do grande prodígio, do milagre que surpreende o Mundo.

O Santo Padre Pio XII, na sua mensagem por ocasião do 25.º aniversário das aparições, escreveu: «Uma atmosfera de milagre invade Portugal, com o multiplicar-se dos prodígios físicos cada vez mais numerosos, prodígios de graça e de conversão».

A 13 de Maio de 1946, na sua coroação da Senhora de Fátima, Pio XII fala sete vezes no milagre de Fátima e afirma que este lugar é uma fonte viva de prodígios físicos, de mais numerosos milagres morais, que, como torrente, brotam da Cova da Iria, se espalham por todo o Portugal e, ultrapassando as fronteiras, inundam a Igreja e o Mundo inteiro.

E o prodígio continua porque o entusiasmo e o fervor de que Fátima se cerca não podem explicar-se sem um factor constante e de cada vez mais claro.

Apareceu a Virgem do céu e trouxe ao seu povo uma mensagem com palavras de salvação e promessas de paz.

Pediu três coisas: devoção, reparação, consagração ao seu Imaculado Coração; e prometeu a Paz universal e o triunfo da Igreja, se se prestassem ouvidos ao seu convite maternal.

A DEVOÇÃO AO IMACULADO CORAÇÃO

A pequena Jacinta, no leito da morte, dirigia à Lúcia as seguintes palavras: «O Coração de Jesus quer que com o Seu Coração seja venerado o Coração Imaculado de Maria».

«Se eu pudesse pôr no coração de toda a gente o fogo que sinto cá dentro e que me faz gostar tanto dos Corações de Jesus e Maria!».

Nossa Senhora aparece aos três pequenos e pede, com insistência, reparação, isto é, que se façam sacrifícios, única moeda para salvar tantas almas que de contrário cairiam no inferno.

Os três videntes deram um exemplo admirável de como devemos aceitar os sacrifícios pela salvação das almas, com diminuir a comida distribuindo-a depois pelos pobres, com o abster-se de beber em dias de calor, com o privar-se de qualquer coisa agradável, embora fizesse parte da parca merenda.

Chegaram, até, a cingir-se de um cilício para fazer penitência.

Quando doentes, sentiam-se contentes em oferecer as suas dores.

ORAÇÃO POR PORTUGAL E PELA PAZ

Nossa Senhora recomendou, tantas vezes, aos pastorinhos a recitação do Rosário: «Rezai o terço com devoção para alcançar a Paz para o Mundo». E a 13 de Outubro de 1917 revelou o seu nome: «Eu sou a Rainha do Rosário».

A consagração foi objecto de um insistente pedido.

A consagração é a doação e entrega total de nós mesmos à nossa Mãe para vivermos a vida com a perfeição que Jesus quer de nós.

Nossa Senhora perguntou aos três pequenos: «Quereis realizar os meus pedidos?».

A imediata resposta daqueles inocentes corações foi: «Sim! Queremos!. Também a nós dirige a Virgem a sua carinhosa pergunta: «Quereis?». Não podemos ficar indiferentes.

Nesta hora decisiva da História, como o reino do mal se serve de todos os meios e empenha todas as suas forças para destruir a fé, a moral e o reino de Deus, assim também os filhos da luz, os filhos de Deus, devem pôr tudo e pôr-se a si mesmos ao serviço da sua defesa.

Não pode haver neutros ou indecisos nesta luta: precisamos dum catolicismo iluminado por uma fé ardente, por preceitos, sentimentos e obras, em particular e em público.

Todos nós devemos adoptar o lema aqui proposto pela generosa juventude católica portuguesa: «Católicos cem por cento».

Virgem Santíssima, ouvi as nossa súplicas e abençoai a

Igreja na pessoa do seu chefe visível, o Sumo Pontífice, que eloquentemente exaltou aqui a vossa grandeza e glorificou a vossa bondade.

Com o Papa, abençoai os Bispos de todo o Mundo que vão ser convocados para o Concílio Universal.

Protegei os trabalhos do Concílio, objecto de preocupações, cuidados e ardentes votos do Papa.

Entre os Bispos, abençoai os Anjos das Igrejas da Nação Portuguesa, com os seus ilustres Cardeais.

Dai, ainda, uma outra prova da Vossa benevolência para com a nobilíssima nação portuguesa. Vós prometestes a paz a quem ouvisse os vossos conselhos. E os fiéis de Portugal têm dado a todos, no decurso dos séculos, mas, sobretudo, nas vossas aparições, um exemplo de fervorosa e fiel docilidade aos vossos apelos.

Conservai, em paz, os vossos predilectos filhos de Portugal, pela prudência dos seus governantes. Olhai com particular benevolência o Chefe da Nação.

Fazei terminar as suas ânsias nestes dias de tribulação e de angústia para as terras do Ultramar às quais os Portugueses levaram a civilização cristã, fecundando-as com o seu trabalho e com o seu próprio sangue, ganhando o direito à gratidão dos povos assim beneficiados.

Senhora do Rosário que, descida do Céu à terra de Santa Maria, nesta bendita montanha de Fátima, primeiro atraístes a vós as almas e, depois, fostes como missionária de Deus através de todas as nações, batendo a todas as portas, entrando em todos os lares, dai a todos, com as vossas brancas pombas, a paz de Cristo que é justiça e liberdade e honra para todos. Que o vosso Coração Imaculado triunfe, Coração de Rainha, de Advogada, mas, sobretudo, de MÃE.

«Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores. Para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a meu Imaculado Coração. Se fizeram o que eu vos disser, salvar-se-ão muitas e terão paz».

(3.^a aparição, 13 de Julho)

A HISTÓRIA DAS MANIFESTAÇÕES DE MARIA AO MUNDO

A história das Mariophanias (ou manifestações de Maria ao mundo) dá testemunho de como a Maternidade espiritual de Maria é a alma que sustém e vivifica a Maternidade da Igreja; mas testemunha, sobretudo, como Maria sempre mostrou ser a Mãe dolorosa dos homens, receando pela sorte de seus filhos.

a) Apareceu, visivelmente contristada e dolorosa a sete jovens, membros da Confraria das «Laudes» em Florência, a 15 de Agosto de 1233, na festa da Assunção. Não se mostrou de modo nenhum na glória, se bem que fosse esse o dia aniversário da sua entrada no Céu: aparece, ao contrário, numa atitude de dor vestida de luto, com um véu negro a cobrir-lhe a cabeça.

Era a Mãe a sofrer com as divisões dos filhos que se matavam uns aos outros, provocando incêndios e fazendo de sua bela cidade um antro de demónios.

Assim nasceu a Companhia da Mãe Dolorosa, dolorosa porque o Amor não era amado, dolorosa porque seus filhos, em vez de se amarem, se odiavam e se matavam de rua em rua, de casa em casa.

Essa a razão porque Ela, a Mãe dos todos os cristãos, chorava e vinha vestida de luto.

b) Em 1830, em Paris, é a sua noviça das Filhas da Caridade que a Virgem aparecia triste e em choro, «porque grandes males se abateriam sobre a França e sobre o mundo agitado».

c) Os prantos da «Formosa Senhora» renovam-se, dezasseis anos mais tarde, em La Salette, sobre as montanhas do Delfinado a Maximiano Giraud de onze anos de idade e Melânia Calvat, de quinze: as lágrimas e as tristezas da Mãe de Deus espalham-se com amor por toda a terra.

d) Em 1958, em Lourdes, solenemente, a Imaculada aparece a Bernardete, o rosto velado de tristeza, e convida, com insistência, à penitência e à oração.

e) Em 1917, em Fátima, a mensagem de Maria é a mesma «e, tomando um ar de profunda tristeza, Ela reclamou penitência e oração.»

E em outras aparições a Lúcia, única sobrevivente das primeiras aparições, em 1925 e 1929, mostrou o Seu Coração doloroso, cercado, como o Coração de Jesus, de espinhos com que o homens ingratos o ferem continuamente com blasfémias e ingratidões.

A verdadeira mensagem de Fátima é a mensagem do Coração Doloroso e Imaculado de Maria, nossa tão boa Mãe.

f) em 1932, em Banneux, a Virgem apresenta-se como a Madona dos pobres.

g) Finalmente, em 1953, em Siracusa, muito magoada pelas faltas e ingratidões de seus filhos esquecidos, mostra as suas lágrimas sem dizer palavra, na esperança de que, ao menos à vista dessas lágrimas de choro silencioso, os homens se comovam e, mudando de vida, deixem de ofender a Nosso Senhor.

E, assim, prossegue ininterrupta e insistente a mensagem do Coração Doloroso e Imaculado, sempre mais maternalmente premente e providencial.

(*Settimana del clero, 619-59*)

F Á T I M A

na carta de um protestante

«*The Tablet*», de Londres, publicou a seguinte carta de um protestante:

«Li a história de Fátima que considero como a profecia mais assombrosa que já foi revelada.

A Virgem disse em Fátima o que sucederia se os católicos não cumprissem o que Ela pediu para a conservação da Paz, no Mundo; pois, apesar disso, vós não o cumpristes e tivemos a guerra mais terrível que já assolou a Humanidade. Deitais as culpas a Hitler, mas, em realidade, vós é que fostes os culpados, por não terdes feito o que a Mãe de Deus pediu.

Ela preveniu-vos, além disso, de que, se não atendesseis a seus rogos, a Rússia espalharia os seus erros pelo Mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Não vedes o que todos os dias acontece? Reparai no que se passa no Laos, no Congo, em Cuba, em todos os países do Mundo — todos estão mais ou menos submetidos à infiltração da doutrina comunista. Quem tem a culpa disto? Vós, a quem foi dado o meio de operar a conversão da Rússia.

Se, para cúmulo das desgraças, vier a terceira guerra mundial, lançareis, por certo, as culpas a Kruchev que, afinal, não é mais do que um instrumento de que a Providência se serve para castigar os homens por não atenderem aos pedidos da Mãe de Deus.

Para mim, que sou protestante, a exactidão surpreendente com que se realizam as predições da Virgem não admite dúvidas sobre o futuro: ou a paz do Mundo ou o seu suicídio. Tudo depende de vós. Tremenda responsabilidade esta que vos negais a aceitar.

A história de Fátima devia propagar-se não só nos púlpitos, mas na Imprensa, na Rádio e na Televisão de todo o Mundo, por todos os meios possíveis. Da resposta que se der a essa mensagem depende a salvação ou a ruína do Mundo.

De «*Novidades*» — 5-IV-1961

Doloroso e Imaculado Coração de Maria

Esta aliança da dor e da pureza imaculada do Coração de Maria não é só uma união, demasiado fácil, de dois títulos, que invocamos para venerar a nossa Mãe do Céu. Encerra um grande mistério, mistério cuja grandeza queríamos fazer ressaltar em breves palavras.

A devoção a Nossa Senhora das Dores e a devoção à Imaculada Conceição serão, quando as separarmos, o mesmo que quando as unimos? Parece-nos que são menos belas e menos tocantes para o nosso coração; assim, para os nossos olhos, um arco formado por dois feixes de luz conjugados é mais resplandecente que o brilho de uma só lâmpada isolada.

Reparemos, com efeito, no paradoxo contido nesta aliança. À primeira vista, a imaculada Conceição é um privilégio que exclui o pecado e o sofrimento que dele deriva. Mas a dor não se explica sem o pecado. Deus não pôde querê-la senão para os pecadores. Porque, então, celebrar, como privilégio, esta aparente contradição da dor e da isenção do pecado original no Coração de Maria?

Este paradoxo oculta grandes verdades que honram a Virgem Imaculada. A dor da Virgem é, com efeito, puramente gratuita, ao passo que a nossa é-nos devida como pecadores. É o primeiro carácter que ela recebe da Imaculada Conceição. Maria não tinha que sofrer nenhuma das sanções temporais do pecado. Sofre porque Deus lhe pediu que aceitasse sofrer. Sofre porque aceita esta proposta divina por um generoso «fiat» interior.

A isenção do pecado original, em Maria, não é efeito de um simples decreto de Deus. Todos os critãos sabem que a Mãe de Jesus deve à Redenção de Seu Filho, ao Seu Sangue derramado na Cruz, a honra extraordinária e a alegria celeste de haver nascido imaculada. Preservada do pecado de Adão, como mãe do segundo Adão, Ela não é superior ao segundo Adão, e não é d'Ela que vem toda a santidade. Membro superior a todos os outros membros do corpo místico, cumulada, acima de todas as criaturas, das graças do Espírito Santo, nem por isso é Ela menos membro de um corpo que é Jesus Cristo, e no qual Jesus Cristo é cabeça e nascente de vida sobrenatural.

Ora, o sofrimento de Nossa Senhora é, por sua vez, um sofrimento completamente trasbordante e especial; tem a mesma fonte que

a Imaculada Conceição, pois Maria sofre os sofrimentos de Jesus e não os sofrimentos do pecado, a não ser neste sentido que o sofrimento de Jesus é reparação do pecado. As dores de Maria são as dores de Jesus, transbordando na alma e no corpo dEla. Tal como um rio de sangue que produzisse numa planície uma inundação de sangue a ponto de já se não poder distinguir a planície do rio, senão remontando à nascente, assim as dores de Maria causadas pela infinita paixão do Redentor. É uma comunhão de dores semelhante à do sacerdote quando bebe o cálice do preciosíssimo Sangue de Jesus. Eis a razão porque gostamos de dizer de um só lanço: Coração Doloroso e Imaculado de Maria. Este Coração é, assim, mais semelhante ao de Jesus também Imaculado e Doloroso.

Quando Deus decretou que a Mãe do Salvador seria Imaculada, não pensava Ele tão somente em honrar esta donzela, chamada Maria, com um dom excepcional, mas tinha bem em vista cumular de graças toda a humanidade pecadora, esmagando por esta nova Eva a cabeça da serpente por quem a primeira mulher havia caído. Assim, o privilégio de Maria estende-se a todo o universo e é em favor do universo inteiro, que ele é outorgado a uma pessoa e entre todas escolhida.

Ora o mesmo se dá com a dor. A alma de Maria é trespassada por uma espada em nome de toda a raça de Adão de que ela faz parte e que Ela está chamada a salvar pelo Único Redentor, seu Filho. Não é o pecado pessoal dEla mas o pecado de todos que constitui este gládio e que A fere. Maria aceita, de todo o seu Coração Imaculado, este sofrimento por causa de todos. Aí a razão porque a sua dor é como um Oceano que sobreleva a todas as torturas dos homens e das mães dos homens. *«Vede, pecadores, se há dor comparável à minha».*

Completemos o pensamento contido nesta aliança da imaculada conceição e da dor. Porque é que Maria pode ser chamada Corredentora? Será só porque, sendo concebida sem pecado, é digna de representar a toda a humanidade no resgate que Cristo dela faz? Será, unicamente, porque está ao pé da cruz, oferecendo o Filho seu que expiava todos os nossos crimes? Não. A razão inteira está na união da pureza e a dor, nos direitos que um e outro privilégio lhe davam.

É da mesma maneira que os teólogos e, em particular, a Encíclica do Papa Pio XII expõem os fundamentos da Realeza de Maria. «Foi Ela, escreve o Papa, que, isenta de toda a falta pessoal e hereditária, sempre estreitissimamente unida a seu Filho, o apresentou sobre

o Gólgota ao Pai Eterno». Não esquece o Santo Padre de referir-se à Sua Inaculada Conceição. Pois continua: «Ela o apresentou... ao Pai Eterno, ajuntando-lhe o holocausto de Seus direitos e de Seu amor de Mãe, como nova Eva, por todos os filhos de Adão que levam a mancha do pecado original». Desta maneira, torna-se Ela, a Rainha «por um novo título de sofrimentos e de glória».

Como se vê, o Santo Padre não separa o Coração Imaculado do Coração Doloroso. Maria é Rainha e corredentora por causa destes dois títulos excepcionais que fundamentam os seus direitos.

Evidentemente, não se passa nada de igual connosco, que não temos uma coisa nem outra: pois somos indignos de Deus pelo pecado original: sofremos por causa deste pecado hereditário e por causa dos nossos pecados: mais, a dor, que devia ser o que é, as mais das vezes, em nós, o resgate de nós mesmos e dos outros, exaspera, tantíssimas vezes, o nosso egoísmo e o nosso orgulho e faz-nos pecar.

Eis porque a devoção ao Coração Doloroso e Imaculado de Maria tem profundas raízes na Escritura e na tradição; é de uma amplitude teológica notável, e permite-nos honrar a Santíssima Virgem nossa Mãe com um coração mais cheio de amor.

CHARMOT, S.J.

Gosta da nossa revista?

*Então ajude-a mais eficientemente,
se puder.*

*E a "Rainha do Mundo" não deixará
de lhe agradecer.*

SANTA MÃE DE DEUS

Mãe!

Uma palavra. Palavra fecunda de vida!

Mãe!

Uma realidade. Realidade palpitante de significado!

Palavra e realidade indispensáveis na vida, em toda a vida...

Na vida humana, dum modo particular...

Realidade, por exigência, no começo, na infância... para o trabalho transcendente de consequências, qual seja, a orientação da plasticidade congênita do novo ser...

Realidade, igualmente real, por gratidão profundamente vivida, mesmo que contraditoriamente, na maturidade...

Mãe de Deus.

Nossa Mãe!...

Palavra e realidade indispensáveis na vida humano-divina, na vida cristã.

Realidade, por exigência, durante a infância...

Durante todo o nosso peregrinar sobre a terra...

Viajeiros do infinito...

Na ordem da graça — única vida verdadeira a dar verdade a toda a vida e vida a toda a verdade — na ordem da graça encontramos sempre na infância.

Infância é toda a nossa passagem...

Somos sempre crianças.

Devemo-lo ser...

«A não ser que vos façais como crianças, não entrareis no Reino de Deus», diz o Filho de Maria (Mt. 18,3).

«Crianças não na idade, mas na malícia» explicita o discípulo de Cristo, Paulo (I Cor. 14,20).

Crianças no sentido autêntico da palavra.

Crianças em toda a riqueza da sua plasticidade...

Com todas as possibilidades, necessidade, exigência interior de crescimento, de mais, sempre mais...

A criança, que não cresce, está doente...

A criança que não se desenvolve, definha... morre.

Ser, espiritualmente, crianças é a nossa tarefa...

Tarefa constante...

Como o Filho de Maria...

«E Jesus crescia em idade, em graça e sabedoria, diante de Deus e dos homens» diz-nos o Evangelista da Infância (Lc. 2,52).

Sempre a crescer, sempre a subir...

Para o Pai...

Verdadeiramente, a propósito:

«É sem sentido o que não é ascensão» (A. Saint-Exupéry).

Por isso, temos necessidade,

Necessidade constante,

Grata, benfazeja necessidade...

Da MÃE DA DIVINA GRAÇA!

«Confiadamente, recorramos ao trono da Graça»... (Heb. 4,16)

Posteriormente,

Em toda a verdade no nosso espírito e com todo o amor do nosso coração...

No Céu...

Ela ainda será...

E para sempre...

NOSSA MÃE!

Na nossa gratidão eterna...

M. S.

«Se atenderem o meu pedido, a Rússia converter-se-á e terão a paz; se não, espalhará sem erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará». (3.^a aparição, 13 de Julho)

Graças da Rainha do Mundo

MEDALHA MILAGROSA

Continuação

Muitas vezes, julgamo-nos sós nas penas, quer elas sejam individuais, familiares ou nacionais.

Grande erro! Uma presença querida está sempre ao nosso lado e basta olhar para ela, para ficarmos consolados: esta presença é a da Santíssima Virgem.

Para muitos cristãos, a Santíssima Virgem é, apenas, uma estátua imóvel ou uma imagem fria, muito bela, é certo, mas longínqua; porém, na realidade, Ela está presente na nossa Nação, nos nossos lares, pela terra inteira para viver connosco, com cada um de nós. Mas, infelizmente, não acreditamos nesta presença da Santíssima Virgem. Vivemos, praticamente, como se Ela habitasse, unicamente, no Céu, interessando-se apenas de longe, pelos seus filhos da terra; a realidade é, porém, muito mais consoladora!

Para no-lo lembrar, a Santíssima Virgem desceu, mais uma vez, do Céu à Terra e, também, à terra portuguesa que Ela ama com predilecção, trazendo-nos uma mensagem do Céu.

Seu rosto puríssimo fala-nos das nossas esperanças, seu pé

bendito que esmaga a cabeça da serpente lembra-nos que, no mundo sobrenatural, Ela venceu sempre; as Suas mãos, brilhantes de graças, atestam o seu poder.

Aqueles que troçam das medalhas, das imagens, não compreendem qual o símbolo secreto de amor que elas encerram.

Compreendiam-no os prisioneiros de guerra, trazendo, junto ao coração, uma carta escrita por suas esposas ou mães, ou ainda uma madeixa de cabelos do filhinho que crescia na sua ausência. Lembranças que aquecem o coração, porque têm o poder do amor. Eis o que a nossa Mãe do Céu quis dar-nos, trazendo-nos a Medalha.

Depois de lermos a sua história, iremos, agora, edificar-nos com o relato de alguns desses inúmeros prodígios, operados por seu intermédio, e que a tornaram conhecida em todo o mundo, como a Medalha Milagrosa.

Um desses prodígios, a Conversão de Ratisbona já foi publicada num número da nossa Revista. Seguem-se outros.

O que vamos contar passou-se em S. Maximiano, aldeiazinha

do Oise em 1944. Uma rapariga escreve o seguinte:

«Enviei a uma senhora de Paris medalhas milagrosas para enviar para S. Maximiano muito exposta aos bombardeamentos. Esta senhora, que tinha um filhinho de 9 anos e seus pais já idosos, estava muito inquieta. O avô tinha 87 anos. Ela parecia não ligar importância às minhas medalhas; mas, mesmo assim, enviei-lhas. Humberto e sua avó tinham lido a notícia explicativa que eu havia enviado com um album da Medalha Milagrosa, em 1943.

Todos os dias diziam, com confiança, a invocação: *Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós.*

O bombardeamento, anunciado por folhetos, havia muitos dias, realizou-se na noite de 4 para 5 de Julho. Foi terrível!

A parte mais sossegada da aldeia, na margem esquerda do Oise, ficou completamente destruída. Resultado: 1.100 habitantes, 600 sinistrados. Felizmente houve poucas mortes; os habitantes passavam a noite, desde algum tempo, nas pedreiras vizinhas. Todavia, por causa do velho de 87 anos que não podia andar, Humberto e seus avós estavam em casa. Quando viram os foguetões, desceram à loja, abrigo muito precário; mas uma

viga de ferro que sustentava a cozinha dava esperança de alguma segurança.

A primeira bomba atingiu o átrio da casa e a segunda o jardim; uma terceira caiu na parte da casa que conduzia ao quarto do avô que estava deitado, destruindo a cozinha, o tecto deste quarto. A avó guardava o melhor que podia o netinho, tendo só este pensamento: visto termos de morrer, ao menos a criancinha que não fique desfigurada, para a poderem reconhecer e avisarem a mãe! O Humbertozinho não cessava de repetir: *Ó Maria concebida sem pecados, rogai por nós que recoremos a Vós!* Destroços de toda a espécie tinham-no coberto, juntamente com a avó.

Ao fim de 35 minutos, tempo que durou o bombardeamento, puderam sair sãos e salvos, mas caíram no imenso funil escavado, no jardim, pela bomba. A custo saíram deste precipício, para ir à procura do pobre avô. Aos chamamentos feitos, ouviram responder: «Sim, estou vivo. Escondi a cabeça debaixo da almofada, quando o tecto caiu!» Puderam retirá-lo pela janela que ficou; o quarto estava completamente destruído. Toda a aldeia gritou à uma: Milagre! O Humbertozinho voltou a Paris, muito contente e seus avós jun-

taram-se a ele, algum tempo depois. Todos trazem, com a maior devoção, a Medalha Milagrosa que, tão visivelmente, os arrancou à morte.»

UM NOVO LAR FUNDADO POR NOSSA SENHORA
DA MEDALHA MILAGROSA

Este facto é absolutamente autêntico. Trata-se dum rapaz do norte de França, filho duma família muito católica.

No momento de partir para a guerra, em 1939, a mãe fê-lo prometer que nunca deixaria de trazer a Medalha Milagrosa nem de recomendar-se, todos os dias, à Santíssima Virgem. O rapaz, fiel aos conselhos da mãe, ficou prisioneiro. Repatriado, ao fim de três anos, depois duma queda que exigia uma ligeira intervenção, foi tratado em Paris. Quando pôde sair, quis conhecer a capela da Rua do Bac, onde a Santíssima Virgem manifestou a Sua Medalha. Veio aí rezar, com fervor pelo seu futuro, pedindo à Rainha do Céu que Ela, própria, escolhesse a rapariga, com a qual desejava fundar um lar cristão. Muitas vezes veio à Rua do Bac pedir esta graça.

Um dia recebeu uma carta da mãe que tinha sabido de sua chegada a Paris. Por causa da dificuldade de comunicações, era-lhe impossível, com grande pena sua, vir abraçar seu filho; mas uma das suas amigas de infân-

cia, que vivia na capital, ofereceu-se para ir da sua parte, visitar o rapaz ao hospital, o que ele aceitou de boa vontade. Esta senhora vinha acompanhada de sua filha Margarida, a mais velha da família, de 21 anos de idade. Seu olhar puro e profundo impressionou, imediatamente, o ferido. Margarida trazia, ostensivamente, ao pescoço, a Medalha Milagrosa, num fiozinho de ouro.

— «Trago a mesma medalha que vós, menina, disse Roberto, quando ela se levantou com a mãe, para se despedir dele. Foi ela que me protegeu por toda a parte, na frente da batalha e no meu cativeiro. Nunca mais a deixarei.» — «Eu também, disse a jovem, sorrindo, quero muito à minha medalha e nunca me separarei dela.»

Algumas semanas mais tarde, Roberto e Margarida estavam noivos. Foram à capela da Rua do Bac confiar à Santíssima Virgem a sua felicidade. Qual não foi a comoção de Roberto, quando a noiva lhe diz aos pés da Santíssima Virgem, quando rezavam juntos:

— «Vinha, muitas vezes, aqui, pedir à Virgem da Medalha Milagrosa que Ele mesma me escolhesse o marido. Foi ela que permitiu que nos encontrássemos.»

(Continua)

Modéstia Cristã

Quando se diz que um homem é modesto, o que geralmente se entende é que, tendo grandes qualidades, não se refere a elas. Não é em prosa! Mas este é um sentido muito secundário da palavra.

No sentido principal e tradicional, a modéstia é a compostura dos sentidos exteriores: olhos, palavras, andar e porte.

A modéstia é assim a virtude cristã, pela qual o interior sobrenaturalizado transparece no exterior. O exterior fica regulado em consonância com a elevação sobrenatural, operada pela graça.

Os olhares modestos são a sobriedade, a retenção imposta à vista, para que não se fixe nas seduções corporais, não se distraia com as mil vaidades da matéria. O andar modesto é próprio do cristão que adquiriu o ritmo dos que peregrinam para a vida eterna. O falar modesto é crivo por onde passam as palavras e conversas de quem sabe que até a palavra inútil será julgada. O porte modesto é o comportamento de quem sabe que também o corpo é templo de Deus.

É desta modéstia que se diz que ela constitui o «bom odor» de Cristo em nós.

Nos tempos de hoje, em que, tão cedo, moços e moças usam de todas as liberdades e desenvoltura, em que não só se permitem olhares lascivos, mas contactos sensuais, a modéstia parece andar desterrada da civilização.

Estamos, de facto, numa civilização imodesta que se exhibe nos trajés, nos requebros do andar, no destacar de forma, no palavriado indecoroso, nos anúncios e propaganda, e em tantos cinemas e teatros. Mas, se a modéstia cristã era a tradução de um interior santificado, era o bom odor de Cristo — é claro que toda essa imodéstia revela grande podridão interior e exala o fedor de Satanás.

O remédio, porém, não é só uma purificação interior. O remédio deve atacar o mal também de fora, como acontece, quando um foco de infecção produz grande dor numa região do corpo. O médico não só ataca o foco, mas também a região dolorida: dá qualquer coisa para acalmar a dor, embora saiba que isto não basta.

Também, na vida moral, a razão verdadeira de que o principal é o interior, não deve dispensar de cuidar do exterior e de readquirir a compostura própria de quem, pelo baptismo, é membro de Cristo.

DIRECÇÃO ESPIRITUAL

*Segundo a doutrina do Venerável Padre
Francisco Maria Paulo Libermann*

«Os escritos e o exemplo do P. Libermann arrastam a quantos o estudam até às profundezas da renúncia cristã, da união com Deus, da paz interior, onde se alimentam as virtudes fundamentais da acção missionária e do zelo autêntico da salvação das almas».

(S. S. Pio XII, 16 de Janeiro de 1952)

Carta n.º 226.

Caríssimo:

Quanto sofrimento não terá passado pela tua alma nessa provação terrível de que acabas de sair, por graça de Deus, se é que e dela estás livre de todo. Esse coração deve ter andado numa agitação contínua. Procura acalmar o espírito e repousar o coração sobre os de Jesus e de Maria. Busca consolação tão somente no santo amor que arde no Coração divino por ti e por todos quantos lhe pertencem.

No caso presente só uma coisa há a fazer: esperar que Nosso Senhor faça encaminhar tudo isto para a Sua maior glória, e que a Santíssima Virgem te proteja, a fim de que em ti se realize a santíssima vontade de Deus.

Não dêes a coisa por terminada completamente. Mas, haja o que houver, não deixes entrar no coração a perturbação, pois todas estas coisas só servirão para te purificar e formar. É muito fácil servir a Deus quando tudo é gozo

no seu serviço; mas não é essa a via que Ele nos propõe e da qual nos deu exemplo.

Os que vivem tranquilos durante a vida, sem cruz nem contradição, nunca chegam a santificar-se; vão vegetando, mais ou menos cheios de vícios e defeitos, e não aprendem a amar a Deus, puramente. Dá, pois, graças a Nosso Senhor e a Sua Mãe Santíssima, do mais fundo de alma, de te haverem feito beber deste cálice de aflições, e de te reservarem ainda bebê-lo até às fezes, ou mesmo uma boa parte de sua amargura.

Bem vejo que se farão grandes esforços para te fazer sair do sítio onde estás e para te colocar em outra parte, onde, já de antemão, estarão prevenidos contra ti, e, talvez mesmo, te preparem mais algumas traições. Não te aflijas por isso nem te atormentes, deixa a Nosso Senhor fazer como entender. Aqueles que te querem mal não poderão fazer mais do que santificar-te com as tribulações em que te metem. Sê prudente, pacífico e reservado na tua conduta. Não te espantes nem te assustes de nada.

Vela, no entanto, sobre ti, suavemente, para que nada de repreensível haja no teu procedimento.

Não temas os juízos nem as ferroadas de língua: quem poderá fazer-te mal, se Nosso Senhor está por ti? Sê, sim, fiel ao teu adorável Mestre, Ele será sempre por ti. Não podem essas ferroadas de língua ferir-te a alma; ferem, sim, as almas daqueles que tas dão. Não é por isso que te debes atormentar, tu, que pela graça do Senhor, dizes sem cessar: **non habemus hic manentem civitatem**: não temos aqui morada fixa (Hebr. XIII, 14). Se aprovar a Deus retirar-te deste caos, ter-te-á sido bem útil haver provado um pouco destes frutos amargos que o mundo produz.

Para já, mantém-te em repouso sob a mão de Deus, mas sê fiel a Nosso Senhor; não abandones a vida interior, venha lá o que vier. Não te inquietes com a opinião que os homens possam ter de ti; o importante é que Nosso Senhor não a tenha muito má; pois, em última análise, será Ele, e não os homens, quem te julgará. Entretanto, não procedas com rudeza, mas com doçura e suavidade na presença de Nosso Senhor. Livra-te de julgar os teus juízes; pois, se tu, por tua vez, os julgas, perderás, pelo facto mesmo, toda a tua causa, diante do Soberano Juiz.

Deixa que te caluniem de todos os lados, e não digas mal de ninguém, mesmo no caso de isso ser necessário para te livrares da calúnia. Não procures muito desculpar-te; é muitíssimo pouco importante que os homens conheçam a má vontade que se tem contra nós. Diz, tão somente, a verdade, se disso te falam, sem sobrecarregar e acusar os outros.

No teu trato com eles, usa de doçura, paz e reserva. Ama-os interiormente; ora por eles muitas vezes; não suspeites que eles agem contra ti ou falam de ti; deixa-os fazer e dizer quanto queiram, sem que jamais disso se ocupe o teu espírito e lhe dê atenção; com isso só ganharias fomentar a perturbação no espírito e a agitação no coração.

Não ignoras que quando Seméi atirava pedras e terra contra o rei David em fuga, amaldiçoando-o, este santo rei diz a Abisáí que queria vingá-lo:

«Deixa-o fazer; talvez que Deus lhe tenha mandado amaldiçoar a David.» Diz tu o mesmo; é Nosso Senhor que lhes permite fazer, assim, para tua santificação. Regozija-te e, a cada coisa que venhas a saber, neste sentido, dá graças a este amabilíssimo Senhor pela Sua grande bondade por ti. Acima de tudo, guarda a paz e a caridade de Deus na tua alma, e não julgues ninguém.

Mais uma vez, caríssimo, deixa aos homens dizer e pensar quanto queiram; tudo isso é carne: «quod natum est ex carne, caro est»; nada disso te ajuntará ou cortará um só cabelo da cabeça.

O mais importante, importantíssimo é que sejas encontrado puro e santo, no grande dia em que contigo serão julgados todos os teus juízes.

A grande lição que importa tirar desta provação, para lá do bem que daí deve resultar para a tua alma, é que é bem mau e bem detestável para um homem deixar-se levar pelo amor próprio, julgando a um irmão e que se não há-de dar crédito a estes juízos, porque os homens se deixam, geralmente, enganar por suas prevenções e paixões.

Adeus, caríssimo. Vivam Jesus e Maria em cujo amor sou todo teu.

Nas Pegadas dos Mártires

SANTA LUZIA

Filha única de família tão abastado como distinta e bela como poucas, dizem-nos as gestas que nos contam o seu martírio. Os seus pais eram cristãos e a boa formação cristã da filha, não lhes saía da lembrança. Quando se aproximavam as calendas que davam a Luzia a idade de se casar, a mãe procurou-lhe esposo que condissesse. E o seu dedo foi cair sobre um rapaz rico, de boas qualidades, ao que parecia, mas pagão. Sabia, porém, da profundidade das convicções religiosas da filha e este último senão, não lhe pareceu obstáculo que contasse para que o casamento se não fizesse.

O que a mãe não sabia era que Luzia já tinha esposo. O voto de virgindade que fizera ao deixar a infância, varrerá-lhe todos os pretendentes e anulará-lhe qualquer outra possibilidade. E, como isto são coisas que o coração gosta de guardar só para si, lá foi dizendo à mãe que ainda era muito nova; que a mãe, adoentada como andava precisava ainda dos seus cuidados; e outras coisas que é uso dizer-se e sentir-se entre pessoas que se querem.

E, com esta conversa, ajudada por uma doença impertinente que feriu a mãe, se foram passando, de enfiada, uns bons quatro anos. Como a doença se arrastava sem jeitos de se ir, tomaram as duas a resolução de irem ao túmulo de Santa Águeda, a Catânia, a implorar a graça da cura. Tão ardente fora a sua confiança que a Santa não pôde dizer que não e a mãe de Luzia voltou curada.

Luzia não se ficou que não aproveitasse a deixa para dizer à mãe em que ponto ia o seu desejo de casar. Que era absolutamente nulo, pois havia-se já consagrado a Deus pelo voto de virgindade.

A mãe, em quem a fé era luz que dominava todas as vistas, ficou comovida. E mais comovida ficou quando Luzia lhe pediu o dote para o oferecer inteirinho ao seu esposo divino, por intermédio dos pobres.

E aí vão elas as duas, que o exemplo da filha levou a mãe à mesma resolução, a distribuir por pobres quanto tinham. Vendem jóias e alfaiais para resgatar cristãos escravos e libertar cativos, que era coisa que consolava ver. Tudo ia que era uma riqueza.

Mas quem não achou grande graça ao espectáculo foi aquele cavalheiro a quem estava prometida a mão de Luzia e que, pelos vistos, não estava resolvido a ficar depenado com o casamento como um frango cozido.

— É verdade, responde-lhe a ama de Luzia, que Eutíquia e a filha vendem quanto têm de precioso, mas é para comprar uma possessão de infinito preço e cujas rendas são incalculáveis.

O homem amansou, embora não lhe cheirasse lá muito bem o negócio. Mas não tardou a ver com os seus próprios olhos a meada que as coisas estavam a levar e, encolerizado por toda aquela comédia, foi levar a notícia ao Prefeito da cidade, sem deixar de acrescentar que se esta dissipação de fortuna se fazia era porque Luzia pertencia à seita dos cristãos.

Não foi preciso mais nada para a mandar prender.

O tirano esgotou toda a sua eloquência para a persuadir que devia abandonar a sua religião; pintou-lhe com boas cores a felicidade que a esperava se levasse o tal casamento avante. E como amostra do bom êxito das suas exortações, diz-lhe que era forçoso, naquele mesmo dia, oferecer um sacrifício aos deuses.

— Eu não conheço outro Deus, responde a Santa, que o Deus onnipotente e eterno, Criador do Céu e da Terra, a quem já ofereci o sacrifício de toda a minha fortuna e a quem já só falta oferecer a minha vida.

O Prefeito viu logo que por ali não levava a água ao moinho.

— Estou a ver que não devo discursar tanto contigo; os tormentos e os golpes serão mais convincentes.

Mas Luzia é que não se calou.

— Os sacrifícios que se sofrem por Jesus Cristo não podem tapar a boca aos seus confessores. Ele próprio nos assegurou que quando estivéssemos na presença dos juizes, não seríamos nós que falaríamos, mas o seu Espírito que falaria em nós.

— Com que então crês que o Espírito Santo está em ti e te sugere o que estás a dizer?

— O que eu creio é que aqueles que vivem vida pura e casta são templos do Espírito Santo.

E o Prefeito, vitorioso:

— Se assim é, eu saberei achar meio de expulsar de dentro de ti esse Espírito, prostituindo-te infamemente.

— Temo pouco as tuas violências. O Deus que eu adoro e a quem desde a minha infância consagrei a minha vir-

gindade, saberá preservar-me dos teus insultos.

Foi então que o juiz ordenou que levassem a virgem a um lugar de má nota para ser entregue aos libertinos da cidade.

Mas Deus é grande e Luzia foi sustida no próprio sítio em que estava, que não houve força nem valentia capaz de a fazer mover do lugar.

O tirano corrido de vergonha, despeitado até à ponta dos cabelos, puxando por todas as ganas, deu ordens para em volta dela se acender uma fogueira em que deitassem pez e resina. Um fogo horrível a envolveu. Mas quando a fogueira ia no fim, uma corrente de pânico percorreu a assistência: Luzia estava viva e salva e nem uma ponta dos vestidos chamuscada.

E era vê-los a exclamar: «Glória ao Deus dos cristãos, só Ele merece o nosso culto».

O Prefeito correu no encalço da noiva. Viu o milagre e não podendo sofrer as imprecações que de todos os lados chegavam contra ele, ordenou ao carasco que atravessassem a garganta com a espada.

Luzia não morreu logo do golpe. Os cristãos puderam levá-la, ainda semi-viva, para uma casa vizinha. E, daí a pouco, Luzia partiu para o grande Encontro.

* * *

Rapariga cristã, peda a Santa Luzia que dê à tua alma a limpidez e a claridade das terras altas. Que na tua vida tudo tenho a pureza das águas brancas. E que no meio das tentações e dificuldades que hão-de envolver a tua juventude, a tua vida se erga, alheia às sombras, clara e pura como a luz da madrugada.

T. N.

Quer inscrever-se no nosso Movimento?

QUER viver no aconchego maternal do Coração Imaculado de Maria? Quer dar uma resposta ao pedido de Nossa Senhora em Fátima quando disse: «Deus quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração»?...

Pois bem, inscreva-se no **«Movimento dos apóstolos e apóstolas do Coração Imaculado de Maria para a difusão da mensagem de Fátima»**.

Este movimento pretende, numa organização toda espiritual, sem bandeira nem distintivo, congregar e unir à volta do Coração vivo e glorioso da Mãe de Deus e Rainha do céu todas as almas de boa vontade que sonham com o ideal de pôr a vida ao Seu serviço, consagrando-se por inteiro a Ela, em resposta à mensagem de Fátima, a fim de melhor servir a Santa Igreja, cada um conforme a sua condição e vida.

Quem enfileira neste movimento compromete-se a:

- 1) Consagrar-se totalmente ao Imaculado Coração de Maria e levar os outros a fazer o mesmo.
- 2) Guardar e defender com ciúme santo a graça baptismal, alimentando-a frequentemente com os sacramentos de modo a ser, como Maria, sacrário vivo do Espírito Santo.

- 3) Lutar até ao martírio pela pureza de corpo e de alma, em si e nos outros, e seguindo sempre, sobretudo no vestir e nos passatempos, as regras do pudor e da decência cristã.
- 4) Encher a vida de oração reparadora, em particular por meio dos 15 mistérios do Rosário, diariamente recitados e meditados.
- 5) Dar-se a toda a sorte de apostolado dentro das condições de vida e segundo a manifestação da santíssima Vontade de Deus à própria consciência.
- 6) Difundir o movimento e atrair a ele o maior número de almas possível.
- 7) Assinar a revista do movimento: **«Ao serviço da Rainha do mundo»**.

Este movimento está mais que aprovado pela Hierarquia como sendo um dos mais preciosos e eficazes auxiliares da A. C. e a «resposta mais adequada à mensagem de Fátima». É tido ainda como uma das melhores formas de «realizar eficazmente a campanha da pureza» tão pedida e recomendada pela Santa Sé.

...Peça informações aos Secretários do Movimento.



Qual é precisamente a mensagem de Fátima?...

Creio que poderia resumir-se nestes termos: a revelação do Imaculado Coração de Maria ao mundo actual.

(Palavras de S. Eminência o Senhor Cardeal Patriarca)